

A ETNOBIOLOGIA E O ESTADO ATUAL DA POPULAÇÃO DE MACHADINHO, *Brachidontes exustus* (BIVALVE, MYTILIDAE) EM CAIRÚ DE SALINAS, BAÍA DE TODOS OS SANTOS, BRASIL

Luciano R. Alardo Souto¹
Hugo Ricardo Lamas Diogo²

Resumo: A etnobiologia é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. Este trabalho tem como objetivo levantar o conhecimento etnobiológico das mariscadeiras sobre o machadinho (*Brachidontes exustus*), após o impacto causado na Laje do Machadinho em Cairú, Salinas da Margarida, Baía de Todos os Santos. Nos meses de fevereiro, março e dezembro de 2006, foram aplicados 104 questionários semi-estruturados. Na região a mariscagem é representada diretamente por mulheres na faixa etária entre 31 e 50 anos. A maioria das coletas tem a finalidade de venda, sendo o chumbinho (63.3%) e o machadinho (18.1%) os mais procurados. Segundo as mesmas, a época de melhor mariscagem é o inverno. A diferença quantitativa de coleta do machadinho quando comparada entre o antes e o depois do impacto foi bastante significativa. Para as mariscadeiras, não existem chances de recuperação natural da laje (63%). Aparentemente, esta é a maior preocupação por parte das mesmas, que se encontram carentes de instrumentos de manejo numa perspectiva participativa. Recomendamos que sejam efetivados programas informativos sobre os diversos aspectos que envolvem o impacto causado e as formas de contemplar os problemas, tanto ambientais, quanto sociais.

Palavras-Chave: *Brachidontes exustus*, etnobiologia, Baía de Todos os Santos.

INTRODUÇÃO

O ambiente pode ser e deve ser estudado de diversas formas análogas a um interesse em comum, e uma maneira pela qual o mesmo pode ser interpretado é através da etnobiologia. Segundo Posey (1986; *apud* Mendes, 2002), a etnobiologia é o estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia, sendo também o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, enfatizando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo.

Neste trabalho, a etnobiologia foi focada no machadinho, *Brachidontes exustus* (Linnaeus, 1758). O mesmo é um molusco bivalvo, pertencente à ordem Mytiloidea, família Mytilidea, e possui uma distribuição que vai desde a Carolina do Norte (EUA) até a Argentina (Anjos, 1997). A espécie em questão possui uma concha com formato de leque, e sua coloração varia do marron-escuro ao marron-lilás, vivendo sobre rochas do mesolitoral, estaqueados, preso pelo bisso ou sobre raízes do manguezal, formando agrupamentos mais ou menos densos (Anjos, 1997).

Na Baía de Todos os Santos, existem cinco grandes concentrações do machadinho: três nas ilhas de Itaparica, Madre de Deus, e Fontes, e mais duas em Cairú, município de Salinas da

¹ Acadêmico do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: lucianoalardo@yahoo.com.br.

² Orientador, Mestre em Aqüicultura pela Universidade Federal de Santana Catarina – UFSC. E-mail: hugo.diogo@somads.com.br.

Margarida, e Ponta do Ferrolho, município de São Francisco do Conde (Anjos, 1997; L. R. A. Souto, com. pess.).

No presente estudo, a comunidade analisada foi a de Cairú, onde ocorreram os impactos gerados pelo Campo Manati (Petrobras), decorrentes das instalações das linhas de escoamento de gás natural e condensado, que vai desde o bloco BCAM-40 na bacia de Camamu/Almada, situado na região do baixo-sul do estado da Bahia até o interior da Baía de Todos os Santos, com aproximadamente 356 km de extensão. Nesta região há um afloramento plano e rochoso, conhecido localmente como Laje do Machadinho, inserido na extensa planície de maré que ocorre ininterruptamente desde a Barra do Paraguaçu até a comunidade de Conceição de Salinas (Figura 1).

Tais considerações são relevantes a partir da necessidade de avaliar os impactos ocorrentes pela instalação do gasoduto nesta referida laje. Com relação a este episódio, foram identificados dois momentos de perturbação sobre o ambiente e fauna de machadinhos associada. O primeiro foi o impacto de ordem física a partir do arraste dos cabos de aço sobre a superfície da laje para a instalação da linha do gasoduto, gerando a mortalidade de machadinhos e alteração na configuração da laje pelo deslocamento de seixos. O segundo momento ocorreu após o assentamento do gasoduto sobre a laje do machadinho, pela disponibilização de material argiloso de forma a cobrir o gasoduto.

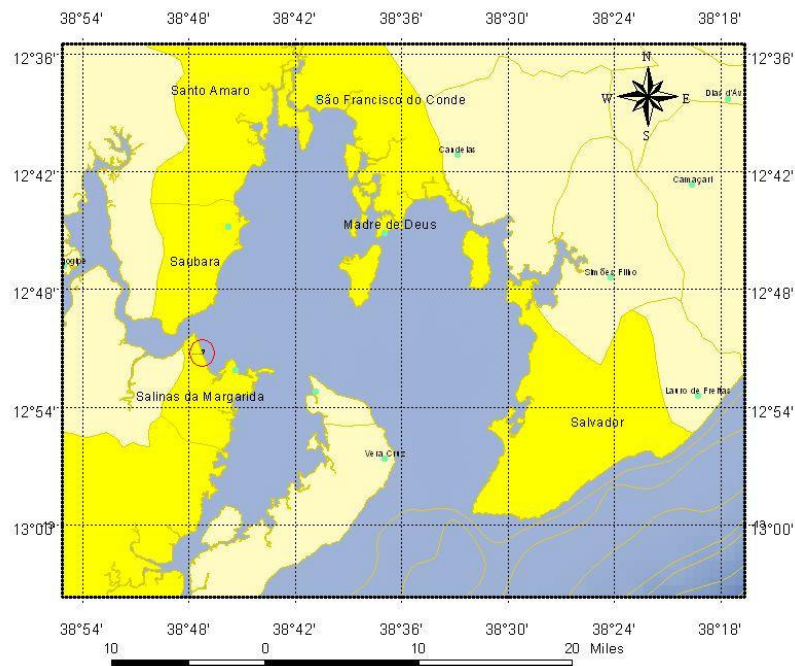


Figura 1: Mapa da baía de Todos os Santos, com o município de Cairú em destaque.

Após a instalação do gasoduto, deu-se início à elaboração e execução de um programa de monitoramento ambiental na laje, com especial ênfase no processo de recuperação dos machadinhos. Entre os métodos empregados no monitoramento, está o levantamento etnobiológico das mariscadeiras locais, que serve de base para o entendimento do impacto causado, auxiliando assim, na compreensão dos processos dinâmicos referentes ao contexto

local, principalmente pela falta de informações anteriores ao processo, o que dificulta as análises comparativas.

Este trabalho tem como objetivo levantar, através da etnobiologia, o atual estado da população de *B. exustus* na Laje do Machadinho.

MATERIAL E MÉTODOS

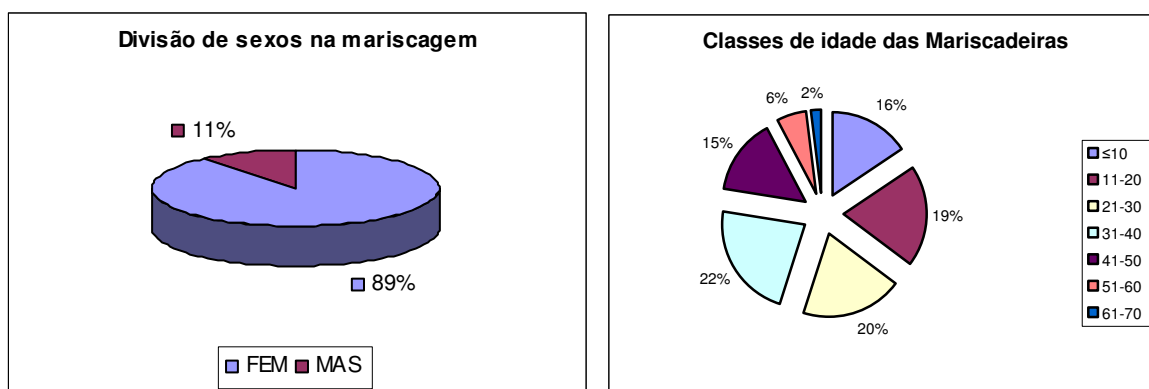
Entre os meses de fevereiro, março e dezembro de 2006 foram aplicados questionários semi-estruturados às marisqueiras de Cairú de Salinas (12.85775°S - 38.78633°W), distrito de Salinas da Margarida, município situado nas margens da Baía de Todos os Santos, Bahia. Em reuniões prévias com as marisqueiras, as mesmas foram informadas sobre as entrevistas que seriam realizadas e como seriam utilizados os dados coletados.

Os questionários possuíam 25 e 22 perguntas e foram aplicados de forma aleatória no 6° e 14° meses, respectivamente, depois do impacto causado. Os gráficos e demais análises foram realizados utilizando-se o programa Excel®.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi aplicado um total de 104 depoimentos de marisqueiras locais, a fim de entendermos a dinâmica do machadinho em relação à reprodução, ciclos, sazonalidade, inferência econômica e aspectos ambientais.

A mariscagem em Cairú é representada diretamente por mulheres (89,21%) (Gráfico 1). A maioria na faixa etária entre 31 e 40 anos (22,54%), o que representa uma análise mais exata do processo de impacto da laje, por possuírem experiência e residirem na região há diversos anos (Gráfico 2).



Gráficos 1 e 2: Faixa genérica e classes de idade das marisqueiras.

Em sua maioria, as marisqueiras coletam os mariscos com a finalidade de venda (73%), completando a renda familiar, e em alguns casos (principalmente em épocas de mal tempo), sendo a única fonte econômica da família, principalmente nos casos em que a atividade é praticada na maior parte do mês.

As marisqueiras coletam diversos tipos de mariscos na região, sendo o chumbinho (*Anomalocardia brasiliensis*) (63.3%) e o machadinho (*Brachidontes exustus*) (18.1%) os mais procurados. Os principais motivos segundo as mesmas para essa preferência, são: a maior quantidade disponível e a praticidade da coleta para o chumbinho, e em relação ao machadinho, um maior lucro. No entanto, quando questionadas sobre a procura do mercado consumidor pelos mariscos, o machadinho aparece em terceiro lugar, ao lado do siri e da ostra, e tendo apenas 33% em relação à proporção de venda dos mariscos.

O *Brachidontes exustus* é conhecido popularmente em Cairú como machadinho, no entanto, o mesmo também recebe outros nomes pelas marisqueiras, tais como: sururu-de-pedra (33.3%), sururu (23.3%), mexilhão (3.3%), sambá (3.3%) e xambá (3.3%). Segundo as mesmas, existem três locais na região onde o machadinho pode ser encontrado: na Laje (63.6%), no Mangue-de-areia (33.3%) e na Poça-grande (3%). O local onde é praticada a mariscagem de forma exclusiva é na Laje (59.3%). Elas utilizam o mesmo na sua maioria para a venda (78%), enquanto apenas 22% das entrevistadas o utilizam para o consumo alimentício.

No que se refere à sazonalidade, a época de melhor mariscagem obtida nas entrevistas foi no inverno (80%), seguida do verão (10%), e 10% do restante relacionou a abundância com o tipo de maré. Estes dados corroboram com os gerados na elaboração do calendário de pesca, realizado de forma participativa (Figura 2). No calendário, os meses onde eram coletados muitos machadinhos foram entre maio e outubro e os que possuíam poucos exemplares foram entre janeiro e abril. Nos dados do monitoramento da laje, este segundo período está confrontando com a época de recrutamento da espécie, onde aparecem os menores espécimes e os maiores desaparecem.

As marisqueiras informam que o tamanho médio (CT) dos machadinhos no geral encontra-se entre 20-30mm. Estes dados também corroboram com os gerados pelo monitoramento em prática, onde a moda de CT encontra-se em 23-26mm. Estes valores são considerados como mínimos para a comercialização da espécie (51.6%).



Foto 2: Calendário de pesca das marisqueiras elaborada de forma participativa.

A diferença quantitativa (Kg) de coleta do machadinho na laje quando comparada entre o antes e o depois do impacto foi bastante significativa (Gráfico 3).

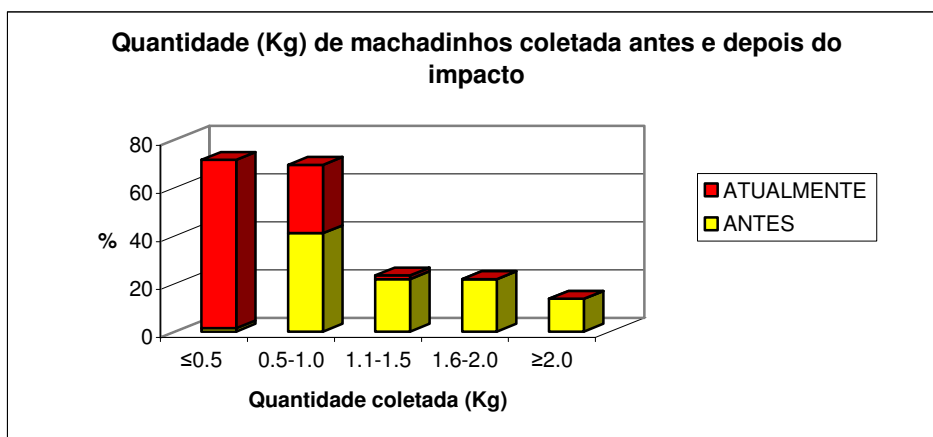


Gráfico 3: Quantidade (Kg) de machadinhos coletada antes e depois do impacto.

Segundo as mariscadeiras, esta diferença mudou consideravelmente a renda familiar, provocando decréscimo até mesmo na alimentação familiar. As mesmas classificam a produção atual como ruim (90%), e comentam que a principal causa do impacto foram os arrastos dos cabos de aço, que destruíram as áreas de ocorrência do machadinho, deixando a Laje plana (Gráfico 4). Também consideram que antes do impacto a laje possuía como características principais, uma maior heterogeneidade (61.7%) e maior quantidade de machadinhos (38.2%). No gráfico 5, fica claro que não existem chances de recuperação natural da laje (63%) para as mariscadeiras.

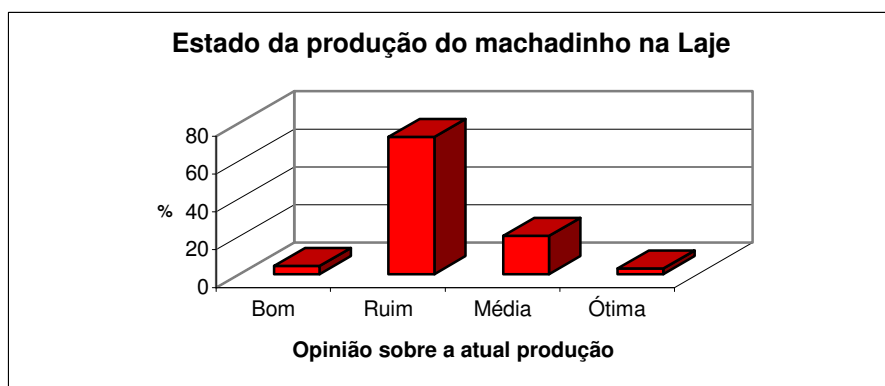


Gráfico 4: Estado da produção do machadinho na Laje.

Apesar do machadinho não ser o principal marisco capturado na região, o mesmo representa uma importante fonte de renda na economia familiar de Cairú. Este aspecto é bastante significativo e deve ser levado em conta quando for elaborado algum plano de gestão e/ou compensação.

Outro ponto importante está na percepção orientada pelo pessimismo quanto às chances da Laje se recuperar e tornar-se novamente produtiva quanto à disponibilidade de machadinhos, uma vez que os demais moluscos tradicionalmente explorados, como o bebe-fumo, não foram afetados pela atividade e vêm sendo explorados normalmente pela comunidade.

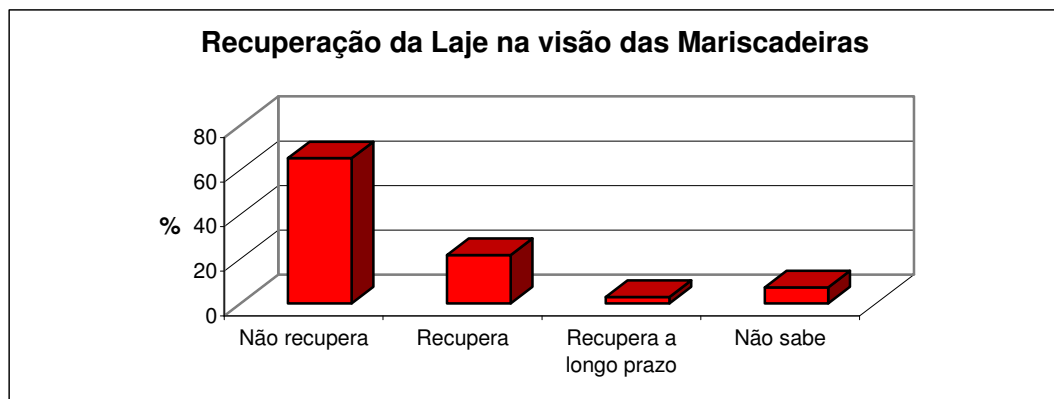


Gráfico 5: Recuperação da Laje na visão das marisqueiras.

A falta de informações sobre as conseqüências futuras da Laje e a finalização da instalação é outra questão que deve ser levada em conta, já que elas acham que não existem chances de recuperação, e utilizam a laje como fonte de renda direta. Aparentemente, esta é a maior preocupação por parte das mesmas, que se encontram carentes de instrumentos de manejo numa perspectiva participativa.

Recomendamos que sejam efetivados programas informativos sobre os diversos aspectos que envolvem direta e indiretamente o impacto causado e as formas de contemplar os problemas, tanto ambientais, quanto sociais. Também é fundamental a criação de uma Casa das Marisqueiras, onde as mesmas possam trabalhar de forma cooperativa, crescendo a organização e economia da comunidade perante o extrativismo do machadinho.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. M. (dos). 1997. Estudo biométrico comparativo da biologia populacional de *Brachidontes exustus* (Linné, 1758) na Baía de Todos os Santos – Bahia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 115pp.

MENDES, L. P. 2002. Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da vila de Garapuá/BA. Monografia. Universidade Federal da Bahia. 97pp.

PEZZUTO, P. R. & ECHTERNACHT, A. M. 1999. Avaliação de impactos da construção da via expressa SC-Sul sobre o berbigão *Anomalocardia brasiliana* (Gmelin, 1791) (Mollusca:Pelecypoda) na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé (Florianópolis, SC – Brasil). *Atlântica*, Rio Grande, v. 21, p. 105-119.

POSEY, D. A. 1986. Introdução à etnobiologia: Teoria e Prática. In: *Suma Ecológica Brasileira*. Ed. Vozes. Petrópolis. 15-25pp.